

Uma crítica ao pós-humanismo: Representação nas tecnologias digitais

A criticism of post-humanism: Representation in digital technologies

Dina Maria Martins Ferreira*

* Universidade Estadual do Ceará (UECE)
e-mail: dinaferreira@terra.com.br

Francisco Djefrey Simplicio Pereira**

** Universidade Estadual do Ceará (UECE)
e-mail: djefrey.simplicio@aluno.uece.br

Resumo: O surgimento das novas condições tecnológicas, a partir dos impactos das novas mídias, reelaborou as formas como concebemos a subjetividade humana. Para Žižek (2012; 2015; 2019), essa quarta revolução industrial, na qual estamos inseridos, provocou transformações em nossa compreensão da biogenética e da realidade, que acaba por impactar, segundo a Nova Pragmática, as formas que representamos a linguagem e o próprio ser humano (Rajagopalan, 1987; 2003). Dessa maneira, partindo da ideia de que o *establishment* pode ser mudado, ou já está mudando, a pergunta que podemos fazer é se deixaremos as coisas mudarem automaticamente, para uma sociedade permissivamente autoritária, ou se frustraremos, em um ato de liberdade (Žižek, 2015), a realização espontânea do que está acontecendo. Portanto, este artigo se serve desse tipo de decisão negativa, não em busca de uma resposta correta para uma emancipação universalizante, mas visando a um encorajamento constante e questionador.

Palavras-chave: Subjetividade. Biogenética. Realidade.

Abstract: The appearance of new technological conditions, from the impacts of new media, reworked the ways in which we conceive human subjectivity. For Žižek (2012; 2015; 2019), this fourth industrial revolution, in which we are inserted, caused transformations in our understanding of biogenetics and reality, which ends up impacting, according to the New Pragmatics, the ways we represent language and the himself human (Rajagopalan, 1987; 2003). In this way, starting from the idea that the establishment can be changed, or is already changing, the question we can ask is whether we will let things change automatically, to a permissively authoritarian society, or if we will frustrate, in an act of freedom (Žižek, 2015), the spontaneous realization of what is happening. Therefore, this article makes use of this type of negative decision, not in search of a

correct answer for a universalizing emancipation, but aiming at a constant and questioning encouragement.

Key words: Subjectivity. Biogenetics. Reality.

INTRODUÇÃO

Ao contrário da tese 11 de Marx, que afirma que “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão, porém, é *transformá-lo*” (ENGELS, 1977, p.3, itálico acrescido), Žižek (2008) acredita que, na verdade, hoje passamos muito tempo atuando sobre o mundo. Precisamos, pois, é de teoria para avaliar criticamente o que vamos fazer. A respeito disso, quando foi perguntado sobre “qual conselho daria a um jovem revolucionário” (Žižek, 2008, p. 3), o filósofo esloveno respondeu: “Que leia Marx![...]. Leia a 11ª Tese sobre Feuerbach [...]. Mas leia ao contrário. Devemos parar de querer mudar o mundo às cegas” (Žižek, 2008, p. 3). Para o autor, por exemplo, as contradições do humanismo stalinista foram o resultado de uma resposta breve ao período anterior de comunismo soviético, que atuaria muito para, no fim, reduzir o humano à máquina (Žižek, 2019). Trazendo tal exemplo para nosso tempo, interrogamo-nos – sem o compromisso de oferecer respostas universalizantes, mas de apenas refinar as próprias perguntas – sobre as concepções de linguagem que constroem o recém-emergente sujeito pós-humano do capitalismo digital do século XXI, com base nas contribuições de Žižek (2012; 2015; 2019) e da Nova Pragmática (Rajagopalan, 1987; 2003).

De forma ampla, Schatzki (2001) percebe duas vertentes filosóficas de pós-humanismo: uma objetivista, que contraria enfaticamente a excessiva atenção dada ao (inter)subjetivo humanista, em função de ressaltar a importância da ação não humana (animal, virtual); e a outra, das práticas sociais, na qual já podemos localizar, inclusive, alguns estudos em Linguística Aplicada. Em especial, vemos os artigos: *Repensando os letramentos pela perspectiva pós-humanista*, de Ribas (2019); a apresentação de Buzato (2019), *O pós-humano é agora*, que abre o dossiê sobre o assunto; e o ensaístico *Humanos*

que queremos ser: humanismo, ciborgismo e pós-humanismo como tecnologias de si, de Kawanishi e Lourenção (2019). Além disso, o termo guarda-chuva pós-humanismo abriga ainda outra gama de conceitos, como nos mostra Ferrando (2013), no texto *Posthumanism, transhumanism, antihumanism, metahumanism, and new materialisms*.

Contudo, neste artigo, visitaremos apenas a concepção transumanista, a exemplo dos projetos desenvolvidos pela empresa Synchron, pioneira no estudo, em humanos, das interfaces cérebro-computador. A alegação inicial do site da empresa é de que “uma interface cérebro-computador converte pensamentos em funções de comando para controlar um dispositivo externo”¹. No site oficial, quando clicamos em *Sobre nós*, logo surge: “Nossa missão é criar uma tecnologia de interface cerebral implantável que melhore a condição humana”². Essa é, trocando alguns termos, basicamente a definição mais geral de transumanismo. Com isso, levantamos a hipótese de que essa visão de pós-humanismo pressupõe uma ligação direta, mesmo que neural, cérebro-máquina, que vê a linguagem por um viés representacionista. Dessa forma, perguntamos, de modo central, quais as possíveis implicações e consequências filósofo-pragmáticas dessa perspectiva.

COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS E VISÃO REPRESENTACIONISTA DA LINGUAGEM

Com a ideia de “panóptico digital” (Han, 2017 *apud* Hissa; Araújo, 2022, p.1015), o capitalismo de vigilância é descentralizado e “a ótica perspectivista da metáfora de Bentham não existe [mais], uma vez que não há centro nem periferia no espaço digital. Nele todos se veem e são vistos”. O que existe agora é um potencial muito maior, em comparação com o capitalismo de vigilância, para novas formas de dominação e, dentre estas formas, está a perspectiva de interface direta cérebro-máquina, que nos propomos a abordar neste artigo.

¹ Tradução nossa. Texto original: A Brain-Computer Interface is a system that converts thoughts into command functions to control an external device.

² Tradução nossa. Texto original: Our mission is to create implantable brain-interface technology that improves the human condition.

Essa comunicação entendida como direta, em especial, é geralmente apresentada como implicando dois lados de uma mesma moeda: primeiro vem a ligação entre um cérebro aprimorado ou conectado e um dispositivo externo; e, em seguida, uma ligação direta entre os próprios cérebros (Žižek, 2019). Nesse sentido, o CEO da Synchron, Tom Oxley, já imagina que as pessoas, no futuro, não precisarão mais se preocupar com a perda de capacidade de digitar, com os dedos, mensagens de texto, visto que essa e outras funcionalidades costumam minguar à medida que envelhecem ou por outros motivos (The Guardian, 2020). Frustradas por não conseguirem manter certas habilidades, segundo o CEO, é natural que busquem outras maneiras de manter a capacidade tecnológica (The Guardian, 2020). Concretizada essa etapa, de acordo com Oxley, o próximo passo é que a informação seja passada cérebro a cérebro, de forma que possamos compartilhar diretamente nossas experiências com os outros, possibilitando, por exemplo, comunicação silenciosa entre soldados (The Guardian, 2020).

Um vislumbre disso já encontramos no episódio *The Entire History of You*, da série *Black Mirror* (Reisz; Welsh, 2011), em que um dispositivo atrás da orelha possibilita que as pessoas guardem suas memórias visuais e projete-as em telas. A curiosa tecnologia parece funcionar muito bem para acionar lembranças felizes ou para ilustrar uma história engraçada vivida, que “realmente como aconteceu”, para outras pessoas (Barreto, 2016, p.4). De certa forma, é isso que o engenheiro biomédico Theodore Berger, da Universidade do Sul da Califórnia, está buscando. Ele “não promete o mesmo nível de eficácia do dispositivo da série – pode até ser maior –, mas trabalha na busca de uma prótese para a memória” (UOL, 2016, p. 1).

Contudo, apesar de os exemplos até aqui convergirem em seus direcionamentos, podemos perceber neles uma série de problemáticas. Começemos pelas implicações da concepção de linguagem utilizada, de modo simplificado, por esses CEOs do Vale do Silício, que, inadvertidamente ou comodamente dão respostas rápidas a tudo. A solução de cérebro ligado a fios ou o que tem sido chamado de singularidade, por eles, é a velha visão representacionista de experiência espiritual coletiva que, de alguma forma, desejamos e lamentamos (Rajagopalan, 2003). Segundo Rajagopalan (2003),

lamentamos, porque reconhecemos a incapacidade de compreender o mundo das coisas em si, pois a linguagem se coloca entre/com as pessoas e o mundo, e desejamos, pateticamente, porque estamos presos à ideia de total transparência da linguagem, acabando por retirar os intermediários do que é dito. Portanto, esses novos projetos tecnológicos ignoram a mediação da linguagem, quando acreditam ser possível socializar nossos pensamentos ‘diretamente’.

Nesse ponto, pressupõe-se que, de alguma forma, nossos pensamentos existem antes de se cumprirem, o que não é verdade, pois, mesmo em um nível empírico, no qual tenhamos algumas percepções sensoriais não linguísticas, no momento em que você pensa em termos conceituais, você pensa pela palavra (Žižek, 2019), sendo essa palavra aqui entendida metonimicamente como a simbolização da/pela linguagem. Em outros termos, isso traz não apenas um empecilho, o da linguagem, a essa perspectiva de representação direta pseudo-platônica, mas também o próprio suposto objeto material puro, para o qual idealmente deveríamos direcionar os pensamentos, cai por terra.

Hegel soluciona essa separação representacionista, forma-conteúdo, pelo vislumbre dialético de coabitação constitutiva (Hegel, 1970). O autor liga a “natureza inferencial [...], a estruturação e a sedimentação linguística da experiência” [humana], para reinterpretar “os pólos isolados e tradicionalmente compreendidos como “forma lógica pura” e “conteúdo não-conceitual” (Lima, 2016, p.70). Dito de forma simples, a dialética hegeliana é a ideia de que, quando algo aparece como um obstáculo para uma perfeição, é, geralmente, isso que dá origem à percepção da perfeição (Youtube, Žižek, 2019), ou melhor, a dialética nos ensina a ver o aspecto positivo gerador da imperfeição. Por exemplo, Marx viu que o capitalismo tinha como base uma exploração imperfeita e que existia o excedente de lucro. Com base nisso, seu sonho era se livrar desse excedente, que servia como um obstáculo. Dito de outra maneira, Marx almejava, segundo Žižek (2019), um capitalismo sem capitalismo, porque pensou que, se nos livrássemos do obstáculo da exploração do capital de mais-valor, teríamos, finalmente, pura expansão.

Dito de modo simples, se pensarmos que nossa experiência, com a ordem simbólica, demonstra como o progresso significou até agora mais alienação, temos muito

a agradecer à alienação, enquanto opacidade de sentido, no sentido de que, entre nós, nunca nos comunicamos diretamente: primeiro vieram os desenhos, os gestos e a oralidade, em seguida, a escrita, e depois, a exacerbação multissemiótica do digital. Dessa forma, o que acontece com essas camadas, que não apenas intermediam o humano, mas o constituem, se persistir essa perspectiva de ligação neural direta?

UMA FALSA QUESTÃO SOBRE A INDIVIDUALIDADE

A questão principal do debate entre as humanidades e a teoria cognitiva tem sido, segundo Žižek (2008), a de preencher a lacuna entre ciências da natureza cegas e experiências da consciência. Contudo, para o autor, essa tarefa de fechar a lacuna é impossível. Devemos antes nos interessar em enquadrá-la e projetá-la corretamente, pois a natureza da consciência nunca poderá entender a lacuna que a separa da natureza bruta: o ego é sua própria forma, um modelo que não pode ser considerado um modelo. Aqui, essa transparência de si, pela qual se reveste o ego, obscurece a consciência, ou seja, não conseguimos vê-la, mas apenas através dela. Isso nos leva a vivenciarmos a realidade ao nosso redor como uma simples experiência imediata do mundo, não como um processo representacional, de um outro nível fora da realidade.

Nessa via, apesar de a consciência passar necessariamente por escolhas representacionais (Rajagopalan, 2003), isso não significa que experimentamos o conteúdo de nossa autopercepção como o conteúdo de um processo representacional. Em outras palavras, não experimentamos a autopercepção como algum tipo de variável intrínseca do sistema, agindo causalmente no modelo do sistema e fazendo parte da realidade total do sistema, apenas vivemos no mundo, aqui e agora (Žižek, 2008). Talvez por isso insistimos tanto no fracasso de exigir a transparência na conduta dos políticos, uma vez que estamos acostumados a tratar o uso da linguagem, na constituição do ego, como claro, cristalino, literal e transparente (Rajagopalan, 2003).

Portanto, a determinação feita pela reflexão do próprio agente é sempre mal interpretada, sendo parte do próprio objeto percebido. Nesse processo, jamais pode

haver um sujeito que perceba completamente sua opacidade, no sentido de perceber seu próprio mecanismo filogenético, pois todas as suas percepções são limitadas, embutidas em um contexto global tido como transparente, ou seja, a auto-referência cognitiva sempre ocorre contra o pano de fundo de uma transparente automodelagem tendenciosa (Žižek, 2008). Assim, mesmo que a percepção ética seja possível apenas quando o sujeito reconhece a lacuna entre a aparência e a realidade – que a experiência é apenas uma manifestação possível de uma ilusão – o transparente processo de automodelagem é uma condição necessária de probabilidade para as formas cognitivas.

Ademais, Žižek (2010) entende que nossa expressão subjetiva é sempre uma falha, no sentido de que, se queremos dizer algo, falhamos, mas é somente através dessa falha que é possível fazermos sentido. Assim, o fracasso não apenas se transforma em um triunfo, mas o fracasso já está articulado ao triunfo, como condição de possibilidade e impossibilidade. A exemplo da indústria da beleza, ou seja, quanto mais investimos em realizações estéticas, tanto mais nos percebemos em isomorfismo. Trazendo para nossa discussão, para as empresas de tecnologia, se esse fracasso desaparecesse, supostamente seríamos capazes de ler pensamentos. Contudo, essa conclusão é totalmente problemática, porque a única ideia de ligação neural é que a máquina não interagiria diretamente com a psique, mas com a existência neuronal ou qualquer outra existência material da vida psíquica (Žižek, 2019).

Nesse ponto, costuma surgir a dúvida de se pensamentos nossos podem ser compartilhados, mesmo sem estarmos cientes disso. Todavia, a concepção de sujeito, que gera essa dúvida, enquadra-se no quadro da questão idealista do Althusser (1985), como parte do sujeito. Para Žižek (2000), a colocação do sujeito é como percebemos nosso lugar como ator (parte interessada) na sociedade, o processo de dedicar experiência a um objetivo ideal específico. Dessa forma, assim que nos formamos como um agente de pensamento, logo uma determinada posição de sujeito, estava, por definição, enganado. Em outras palavras, esqueci o núcleo doloroso, cujo simbolismo está sempre em falta. A hipótese que se tira disso é que a concepção lacaniana de sujeito é o ‘lugar não estruturado’, o sujeito em relação ao antissujeito, que não esconde o

aspecto doloroso da sociedade, a associação reacionária.

Então, as ordens cognitivas, que traçam o caminho neuronal, de como uma leitura dá ordens para levantar os braços, abrir os olhos e mover uma perna – para provocar espécies de espasmos ou tiques, como acontece quando se conecta, de forma elementar, o cérebro de um rato – faria o humano, controlado desta forma, ser ainda sujeito? Em uma matéria da *Revista Galileu*, lemos que

Usando a interface que eles desenvolveram, foi possível criar uma ligação telepática entre um rato e um ser humano, que é o primeiro passo para criar uma ligação telepática entre dois seres humanos. É um avanço muito grande nas interfaces brain-to-brain, já que pouco sabemos sobre como os neurônios codificam pensamentos. Por isso, por enquanto, conseguimos estimular via pensamento uma área específica do córtex que seja responsável por um movimento e provocar esse movimento, uma espécie de espasmo (Freitas, 2013, p.3).

Por exemplo, Peter Parker, jocosamente, pode alegar, depois de certo período, que, com a simbiote, ‘não era realmente ele’. Imaginamos pedidos de desculpas à Mary Jane do tipo: ‘não era eu quem estava no controle, um alienígena estava dirigindo minhas vontades’³. Ou teríamos uma relação simbiótica mais do tipo Eddie Brock e Venom, na qual são compatíveis e produzem interpelações? Sobre isso, percebemos que

[e]les levam ao extremo a cisão entre o “sujeito do enunciado” e o “sujeito da enunciação”: de um lado, como objeto de minhas intervenções, sou um mecanismo biológico cujas propriedades, inclusive as mentais, podem ser manipuladas; de outro, estou (ajo como se estivesse) isento, de certo modo, dessa manipulação, como indivíduo autônomo que pode fazer a escolha certa. Mas e

³ Filme lançado em 2007, *Spider-Man 3*, o último da trilogia, tenta mostrar uma curva de personalidade vivenciada por Peter Parker (Tobey Maguire), ligada a três fatores: à autoconfiança, por ser aclamado como herói; ao sentimento de vingança, pela morte do tio; e ao excesso simbiótico grudado em sua roupa. Nisso, Mary Jane (Kirsten Dunst), com quem o protagonista se relaciona, passa a ser negligenciada, especialmente, em função da atenção que Parker investe em sua fã Gwen Stacy (Bryce Dallas Howard), namorada de Eddie Brock (Topher Grace). Rejeitada por Parker, ao final do filme, a simbiote é aceita por Eddie Brock, tornando-se totalmente compatível com seu novo hospedeiro. Já não mais propriamente sob a função inimiga do Homem-Aranha, a relação harmoniosa e dialogal entre Eddie Brock (Tom Hardy) e a criatura alienígena, esta agora nomeada de Venom, ganha filmes próprios, *Venom* (2018) e *Venom 2: tempo de carnificina*.

se o círculo se fechar e meu poder de decisão autônoma já tiver sido “mexido” pela manipulação biogenética? (Žižek, 2012, p. 238)

A respeito disso, podemos lembrar ainda, a efeito de ilustração, que a psicanálise não concebe a sexualidade como apenas provocada por instintos naturais, simplesmente como se tivéssemos apenas certos impulsos biológicos (Žižek, 2010), mas em relação ao desenvolvimento das culturas, pelas quais esses impulsos são viabilizados para uma determinada comunidade. Trocando os termos, “a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais” (Zornig, 2008, p. 73). Assim, a premissa basilar freudiana é que a nossa sexualidade é a experiência física mais elementar. Para ele, a paixão sexual é, precisamente, onde não somos mais animais com animais. As últimas consequências da psique humana (simbolizada pela linguagem) é que a proibição do gozo se dá pela ordem social. E isso sempre passa da proibição de gozo para o gozar a própria proibição (Žižek, 2019).

Dessa forma, chegamos ao ponto em que Psicanálise e Nova Pragmática, de Rajagopalan (2003), se tocam, pois o paradoxo fundamental da sexualidade, assim como da significação, não está na completa realização/fechamento do gozo. Ao passo que é impossível *entender* o incestuoso objeto, é impossível também evitá-lo. Nessa via, o sentido elementar de liberdade é a liberdade de pensamento, na direção de que entendemos estar sendo controlados por outros, mas estamos, pelo menos, formalmente, livres em nossos pensamentos (Žižek, 2019).

Com isso, Žižek (2019) desenvolve uma discussão para afirmar que algo inconsequente acontece quando essa distância é perdida. Por exemplo, o autor explica que os defensores transumanistas da possibilidade de singularidade, que separa sujeito e realidade, tentam justificar isso afirmando que a imersão nessa experiência coletiva provocaria a redenção da *queda*, que ocorreu no Jardim do Éden e que gerou a mortalidade. Para eles, de acordo com o autor, participaríamos de uma experiência espiritual coletiva imortal, a singularidade espírito-matéria seria reconciliada, visto que nosso pensamento individual estaria imerso na singularidade, e nos tornaríamos, enfim,

parte da realidade objetiva. Perderíamos, portanto, distância entre nossa subjetividade isolada e a realidade objetiva e, neste sentido, eles afirmam, não apenas nos tornaríamos como Deus, mas o próprio Deus se atualizaria também (Žižek, 2019). Contudo, acreditamos que esse *céu* esboçado chega muito cedo ao ápice da verdade humana. Precisamos ainda refletir sobre algumas questões da ordem política da liberdade.

A QUESTÃO DA LIBERDADE

Com as acepções que desenvolvemos até aqui, como do inconsciente freudiano, podemos visualizar uma esperança, ou seja, grosso modo, a tecnologia não será um dismantelo para a singularidade ou para a nossa liberdade, uma vez que o inconsciente não é uma substância espiritual instintivamente profunda, mas uma ‘entidade virtual’ (como os processos de aprendizagem e a anatomia do cérebro) muito frágil.

Para efeito de exemplo, podemos ligar essa ideia de ‘entidade virtual’ ao que o biólogo evolucionista, linguista e antropólogo Deacon (1997) discute no livro *The Symbolic Species*. A partir das evidências de que surgimos de outras formas hominídeas, o autor argumenta que a linguagem, ou o simbólico, constituíra o ponto-chave do desvio. Com isso, evoluímos e as culturas surgiram. Assim, ele “trata a linguagem como um tipo de parasita que não é algo produzido *pele* humano; é algo que, na realidade, coevolui *com* os humanos e os coconstrói” (Junges; Santos, 2014, p. 5, itálicos acrescentados).

O texto bíblico “ao que tem mais se lhe dará; de quem não tem, até o que tem lhe será retirado” (Ribeiro, 1999, p. 245) ilustra bem como esse aspecto negativo da linguagem parasitária funciona. Quando tudo é tirado do que menos tem, ainda resta o ‘não ter’ deste. Esse ‘não ter’ é regulado pela imaginação do que outrora tivera ou almejava. A falta de quem mais tem, se tudo lhe fosse tirado, seria diferente. Materialmente, ambos teriam o mesmo, nada; simbolicamente, esse ‘nada’ reservaria especulações de significados chamados à tona, por um, e por outro, não. A exemplo disso, de muitas crianças com insegurança alimentar, é roubado, primeiramente, o sonho de se tornarem médicas, juízas ou representantes de outras carreiras mais economicamente

prestigiadas, no nosso país. A busca pela sobrevivência faz com que, em seguida, seja negada a elas a realização, propriamente, ou seja, duas negações sucessivas. Elas não podem negar cursar medicina, porque isso ao menos foi oferecido a elas. Em termos hegelianos, temos uma negação determinante. É, portanto, isso que nos possibilita mudar as especulações do passado e dizer frases do tipo ‘. O que mudou não foi, de início, o que aconteceu, mas as especulações, que, conseqüentemente, mudaram o próprio acontecimento. Por isso, ratificamos que essa ‘dimensão virtual’ inconsciente não é instintiva.

A partir daí, refinamos o questionamento sobre a liberdade transumanista, na direção de refletirmos se as tecnologias, nas quais, supostamente, nossos pensamentos estarão imersos, poderão detectar essas importantes diferenças negativas, que apenas tornam a consciência possível por meio da perda e da falta com relação à completude da experiência.

Para mais, no âmbito da Nova Pragmática, Rajagopalan (1987, p.71) nos oferece algo sobre essa ‘falta’, no artigo *Quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a Semântica e a Pragmática das construções simétricas em língua natural*, quando leva às últimas conseqüências as diferenças entre frases do tipo:

- (a) Soube que você trabalha na mesma sala que Paulo;
- (b) Não, o Paulo é que trabalha na mesma sala que eu.

Para nós, as interpretações, nessas frases, passam pelo conceito de singularidade que está intimamente ligado: ou a algo que pode ser revelado (linguagem designativa), sem bloqueios na consciência:

Ilari [. . .] deixa claro que se trata, em todos os casos, de falta de especificação. Em todos esses casos, a aparência da assimetria é proveniente da interpretação dinâmica, sendo que há também sempre a possibilidade de uma leitura estática que faz desaparecer tal assimetria (Rajagopalan, 1987, p, 81-82);

ou a algo que precisa ser justificado (linguagem como ação, dialógica), que é, em sua versão primária, o resultado de um mau funcionamento, assim como temos argumentado neste estudo.

Em suma, podemos observar que a questão sobre os cérebros ligados a fios, que emerge sob a alegação de uma catástrofe iminente, que tomaria nossa singularidade, logo se transforma na farsa de reconciliação espírito-matéria. Diferentemente disso, admitimos que a única maneira eficaz de explicar o estado de (auto)consciência é afirmar a incompletude ontológica da própria realidade, pois só há realidade enquanto existir uma lacuna, uma fissura, um trauma redundante. Dessa forma, pateticamente, somente uma experiência mental de afastamento da realidade, de afastamento absoluto que transcendesse a própria linguagem, poderia explicar a misteriosa liberdade transcendental, cuja espontaneidade não seria o efeito de uma percepção errônea de um processo objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão de que o ausente inconsciente, enquanto fato simbólico, é a nossa própria dimensão da liberdade, em que podemos ‘viajar’, reconfigurar o passado e escolher o que não fazer. Dessa forma, o fracasso é anterior à representação, sendo o sujeito o vazio aberto pela reflexão. Nesse processo, as imagens familiares positivas acabam sendo preenchimentos secundários desse vazio primordial. Qualquer reconhecimento do objeto de uma imagem ou de uma característica importante (em suma, qualquer identificação) trai sua própria essência – para cada um ‘eu sou isso’ contém a semente de um ‘eu não sou isso’. O sujeito surge, neste exato momento, na falha de identificação pela recuperação reflexa.

Portanto, esse espectro que sustenta o simbólico explícito, que representa a riqueza de nossa vida interior, conjecturamos, não pode ser compartilhado pelas tecnologias digitais com outros, uma vez que, sendo privados de nossas vidas interiores, não nos constituíramos mais como sujeitos. Em outros termos, a dimensão inconsciente



da especulação não se abre à possibilidade de verificar, empiricamente, se algo ‘acontece’. Com isso, não há flutuação livre de singularidades, em um espaço coletivo, assim como não há completa união entre sujeito e matéria. Dessa forma, talvez o pós-humanismo esteja apenas oferecendo mais uma divisão da vida interior, em que os sonhos, a realidade de fora e a opacidade dos outros se torne mais uma lacuna/criatividade dentro de mim, ou seja, uma nova liberdade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, V. II., Tradução Joaquim José de Moura Ramos. 1985.

BARRETO, Gustavo. **Black Mirror S01E03, the entire history of you**. [texto sobre a temporada de série], 2016. Disponível em: <https://alemdoroteiro.com/2016/12/21/black-mirror-s01e03-the-entire-story-of-you/>. Acesso em: 13/11/2021.

BUZATO, Marcelo E. K. O pós-humano é agora: uma apresentação. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 478-495, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/tla/article/view>. Acesso em 23/11/2021.

DEACON, Terrence W. **The symbolic species**. The co-evolution of language and the human brain. Nova York: Norton, 1997.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach**: o fim da filosofia clássica alemã. Tradução José Barata-Moura. 1977. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000081.pdf>. Acesso em: 23/11/2021.

FERRANDO, Francesca. Posthumanism, transhumanism, antihumanism, metahumanism, and new materialisms. **Existenz**, v. 8, n. 2, p. 26-32, 2013. Disponível em: <https://existenz.us/volumes/Vol.8-2Ferrando.pdf>. Acesso em: 23/11/21.

FREITAS, Ana. Interface permite que humano controle um rato com o pensamento, A invenção chamada 'Brain to Brain' foi criada em um laboratório de Harvard. **Revista Galileu**. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI340779-17770,00.INTERFACE+PERMITE+QUE+HUMANO+CONTROLE+UM+RATO+COM+O+PENSAMENTO.html2013>. Acesso em 23/3/2021.

HEGEL, Georg W.F. **Werke in 20 bände**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.

HISSA, Débora; ARAÚJO, Nukácia. Infodemia na sociedade do desempenho: entre o mural panfletário e o panóptico digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 4 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/SQMYfd9rBGSTBqzxY989wXN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19/01/21.

JUNGES, Marcia; SANTOS, João Vitor. Controle neural e neuromarketing. Uma reconfiguração do ser humano. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo/RS, serial, 2014 . Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br> > cadernos > ideias. Acesso em: 23/12/21

KAWANISHI, Paulo N. de P.; LOURENÇÃO, Gil V. N.. Humanos que queremos ser. Hum anismo, ciborguismo e pós-humanismo como tecnologias de si. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 658-678, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br> > tla > article > view. Acesso em 23/11/2021.

LIMA, Erich. Entre a pragmática linguística e a hermenêutica filosófica : Hegel e os desafios de uma estruturação linguística da experiência. **Trans/Form/Ação**, Marília/SP, v. 39, n. 3, p.59-86, Jul./Set., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br> > trans. Acesso em: 22/11/21

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Quando “2+3” não é igual a “3+2”: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural’. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, v. 13, p. 251-266, 1987.

REISZ, Barney; WELSH, Brian. **The entire history of you**. [Série televisiva-vídeo]. Produção de Barney Reisz, direção de Brian Welsh. United Kingdom: Endemol UK, 2011, (44 min). color. son.

RIBAS, Mario Marcio G. Repensando os letramentos pela perspectiva pós-humanista. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 612-636, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655577>. Acesso em: 5/12/21

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Tradução da Bíblia hebraica em dez versões brasileiras. **Cadernos de Tradução**, UFSC. v.38, n.3, serial, Set.Dez. 2018. Disponível em:
<http://old.scielo.br> > scielo. Acesso em: 21/12/21

SCHATZKI, Theodore. Introduction: Practice theory. In SCHATZKI, Theodore; CETINA, Karin K. & SAVIGNY, Eike V. (eds.) **The practice turn in contemporary theory**. New York: Routledge 2001, p.10-23 .

THE GUARDIAN. *Corbyn, Z.* **Are brain implants the future of thinking?** Londres-Inglaterra, 2019. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/science/2019/sep/22/brain-computer-interface-implants-neuralink-braingate-elon-musk>. Acesso em: 13/11/2021.

UOL, **Cientista quer implantar dispositivo no cérebro para melhorar memória.** São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2016/12/07/isso-e-tao-black-mirror-cientista-busca-memoria-mais-potente-para-nos.htm>. Acesso em: 13/11/2021.

ŽIŽEK Slavoj. Žižek on Digital Technologies and the Human Mind. **You tube**. 12 de jun. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yIpOZMF2x44>. Acesso em: 17/11/2021.

ŽIŽEK, Slavoj. **O absoluto frágil:** ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão?. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo, Boitempo, 2015.

ŽIŽEK, S. **Vivendo no fim dos tempos.** Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe.** Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. Más Allá del Análisis del Discurso. Traducción Ernesto Laclau. *In*: LACLAU, Ernesto (Ed.), **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tempo.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2000, p.257-267.

ZORNIG, Silvia Maria A. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões, **Revista Psicologia em Estudo**, v.13, n.1, Mar, serial, 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3YtZhqQJh3VNd4BR3gyxznk/?lang=pt>. Acesso em: 17/11/2021.

Data de recebimento: 25/06/2022
Data de aprovação: 10/07/2023